

ZORRO – O COMEÇO DA LENDA
Isabel Allende

Esta é a história de Diego de la Vega e de como se converteu no lendário Zorro. Posso finalmente revelar a sua identidade, que ao longo de tantos anos mantivemos em segredo, e faço-o com uma certa hesitação, visto que uma página em branco me intimida tanto como os sabres nus dos homens de Moncada. Com estas páginas procuro antecipar-me àqueles que estão apostados em difamar o Zorro. O número dos nossos rivais é considerável, como costuma acontecer aos que defendem os fracos, salvam donzelas e humilham os poderosos. Naturalmente, todo o idealista arranja inimigos, mas nós preferimos contabilizar os nossos amigos, que são muitos mais. Tenho de narrar estas aventuras, porque de pouco serviria que Diego arriscasse a vida pela justiça, se ninguém delas tomasse conhecimento. O heroísmo é uma ocupação mal remunerada, que amiudadas vezes conduz a um fim prematuro, e por isso atrai pessoas fanáticas ou com um doentio fascínio pela morte. Existem muito poucos heróis de coração romântico e de sangue leviano. Digamo-lo sem rodeios: não há nenhum como o Zorro.

PRIMEIRA PARTE

Califórnia, 1790-1810

Começamos pelo princípio, por um acontecimento sem o qual Diego de la Vega não teria nascido. Sucedeu na Alta Califórnia, na Missão San Gabriel, no ano de Nosso Senhor de 1790. Naquele tempo quem dirigia a missão era o padre Mendoza, um franciscano com umas costas de lenhador, mais novo de aspecto que os seus quarenta anos bem vividos, enérgico e mandão, para quem a maior dificuldade do seu ministério era imitar a humildade e doçura de S. Francisco de Assis. Na Califórnia havia vários outros religiosos em vinte e três missões, encarregados de propagar a doutrina de Cristo entre vários milhares de gentios das tribos Chumash, Shoshone e outras, que nem sempre se prestavam de bom grado a recebê-la. Os nativos da costa da Califórnia tinham uma rede de trocas e comércio que funcionava havia milhares de anos. O seu ambiente era muito rico em recursos naturais e as tribos desenvolviam diferentes especialidades. Os Espanhóis estavam impressionados com a economia Chumash, cuja complexidade comparavam com a da China. Os índios usavam conchas como moeda e organizavam regularmente feiras, onde, além do intercâmbio de bens, se ajustavam os casamentos.

Os índios ficavam confundidos com o mistério do homem torturado numa cruz que os brancos adoravam, e não compreendiam a vantagem de sofrer neste mundo para gozar de um hipotético bem-estar noutra. No paraíso cristão podiam instalar-se numa nuvem e tocar harpa com os anjos, mas na realidade a maioria deles preferia, depois da morte, caçar ursos com os antepassados nas terras do Grande Espírito. Tão-pouco compreendiam que os estrangeiros espetassem uma bandeira no solo, marcassem linhas imaginárias, o declarassem propriedade sua e se ofendessem se alguém entrasse perseguindo um veado. A ideia de possuir a terra era para eles tão inverosímil como a de dividir o mar. Quando chegou ao padre Mendoza notícia de que várias tribos se tinham sublevado, comandadas por um guerreiro com cabeça de lobo, este elevou as suas preces pelas vítimas, mas não se preocupou demasiado, porque estava certo de que San Gabriel se encontrava a salvo. Pertencer à sua missão era um privilégio, como demonstravam as famílias indígenas que acorriam a solicitar a sua protecção a troco do baptismo e de bom grado ficavam sob o seu tecto; nunca tivera de empregar militares para recrutar futuros conversos. Atribuiu a recente insurreiçã, a primeira que ocorria na Alta Califórnia, aos abusos da soldadesca espanhola e à severidade dos seus irmãos missionários. As tribos, divididas em pequenos grupos, tinham costumes diversos e comunicavam entre si por meio de um sistema de sinais; nunca haviam chegado a acordo para coisa nenhuma, excepto para o comércio, e nunca

certamente para a guerra. Segundo ele, aquelas pobres gentes eram inocentes cordeiros de Deus, que pecavam por ignorância e não por vício; deviam existir razões ponderosas para que se levantassem contra os colonizadores.

O missionário trabalhava sem descanso, lado a lado com os índios, nos campos, no curtimento de peles, na moagem do milho. De tarde, quando os outros descansavam, ele tratava feridas de acidentes menores ou arrancava algum dente podre. Além disso, dava lições de catecismo e de aritmética, para que os neófitos — como chamavam aos índios convertidos — pudessem contar as peles, as velas e as vacas, mas não de leitura ou escrita, conhecimentos sem aplicação prática naquele lugar. À noite fazia vinho, tratava das contas, escrevia nos seus cadernos e rezava. Ao amanhecer tocava o sino para chamar a sua congregação à missa e, depois do ofício, supervisionava o pequeno-almoço com olhar atento, para que ninguém ficasse sem comer. Por tudo isso, e não por excesso de confiança em si próprio ou vaidade, estava convencido de que as tribos em pé de guerra não atacariam a sua missão. Não obstante, como as más notícias continuassem a chegar semana após semana, acabou por lhes dar atenção. Mandou um par de homens de toda a confiança averiguar o que se estava a passar no resto da região; estes não tardaram a localizar os índios em guerra e a apurar os pormenores, porque foram recebidos como compadres pelos próprios sujeitos que iam espiar. Regressaram para contar ao missionário que um herói, surgido das profundezas do bosque e possuído pelo espírito de um lobo, tinha conseguido juntar várias tribos para expulsarem os Espanhóis das terras dos seus antepassados, onde sempre tinham caçado sem autorização. Os índios não possuíam uma estratégia clara; limitavam-se a assaltar as missões e as povoações no impulso do momento, incendiavam tudo quanto encontravam à sua passagem e seguidamente retiravam-se tão depressa como haviam chegado. Acrescentaram os homens do padre Mendoza que o chefe Lobo Cinzento tinha San Gabriel na mira, não por rancor particular contra o missionário, ao qual nada se podia censurar, mas sim porque lhes ficava em caminho. Em vista disso, o sacerdote teve de tomar medidas. Não estava disposto a perder o fruto do seu trabalho de anos e ainda menos a permitir que lhe arrebatassem os seus índios, que longe da sua tutela sucumbiriam ao pecado e voltariam a viver como selvagens. Escreveu uma mensagem ao capitão Alejandro de la Vega pedindo-lhe imediato socorro. Receava o pior, dizia, porque os insurrectos se encontravam muito perto, com intenções de atacar a qualquer momento, e ele não se poderia defender sem reforços militares adequados. Mandou duas missivas idênticas ao forte de San Diego por cavaleiros expeditos, que usaram diferentes percursos, de modo que, se um fosse interceptado, o outro alcançaria o seu propósito.

ZORRO – O COMEÇO DA LENDA
Isabel Allende

Uns dias mais tarde, o capitão Alejandro de la Vega chegou a galope à missão. Desmontou de um salto no pátio, desfez-se da pesada casaca do uniforme, do lenço e do chapéu, e mergulhou a cabeça na artesa onde as mulheres enxaguavam a roupa. O cavalo estava coberto de suor espumoso, porque tinha carregado por várias léguas o cavaleiro com o seu equipamento de dragão do Exército espanhol: lança, espada, escudo de couro duplo e carabina, além dos arreios. De la Vega era acompanhado por um par de homens e vários cavalos que transportavam as provisões. O padre Mendoza saiu a recebê-lo com os braços abertos, mas, ao ver que só o acompanhavam dois soldados andrajosos e tão extenuados como as cavaladuras, não pôde dissimular a frustração.

— Lamento, padre, não disponho de mais soldados do que este par de bravos homens. O resto do destacamento ficou na povoação de La Reina de los Angeles, que também está ameaçada pela sublevação — desculpou-se o capitão, limpando a cara com as mangas da camisa.

— Que Deus nos ajude, visto que Espanha o não faz — retrucou entre dentes o sacerdote.

— Sabe quantos índios atacam?

— Há muito poucos aqui que saibam contar com rigor, capitão, mas, segundo os meus homens averiguaram, podem chegar a quinhentos.

— Isso significa que não serão mais de cento e cinquenta, padre. Podemos defender-nos. Com que contamos? — inquiriu Alejandro de la Vega.

— Comigo, que fui soldado antes de ser padre, e com outros dois missionários, que são jovens e corajosos. Temos três soldados adstritos à missão, que vivem cá. Também vários mosquetes e carabinas, munições, um par de sabres e a pólvora que utilizamos na pedreira.

— Quantos neófitos?

— Sejamos realistas, meu filho: a maioria não combaterá contra gente da sua raça explicou o missionário. Quando muito, conto com meia dúzia de jovens criados aqui e algumas mulheres que nos podem ajudar a carregar as armas. Não posso arriscar as vidas dos meus neófitos; são como crianças, capitão. Trato deles como se fossem meus filhos.

— Bem, padre, mãos à obra, em nome de Deus. Pelo que vejo, a igreja é o edifício mais sólido da missão. Defender-nos-emos lá — disse o capitão.

Durante os dias seguintes ninguém descansou em San Gabriel; até as crianças de tenra idade foram postas a trabalhar. O padre Mendoza, bom conhecedor da alma humana, não podia confiar na lealdade dos neófitos uma vez que se vissem rodeados de índios livres. Consternado, notou um certo brilho selvagem nos olhos de alguns deles e a falta de vontade com que cumpriam as suas ordens: deixavam cair as pedras, rasgavam-se-lhes os sacos de areia, enredavam-se nas cordas, entornavam-se-lhes os baldes de pez. Forçado pelas circunstâncias, violou o seu próprio regulamento de compaixão e, sem que lhe tremesse a vontade, condenou um par de índios ao cepe e a um terceiro aplicou dez chicotadas, para servir de exemplo.

Depois mandou reforçar com tábuas a porta do dormitório das mulheres solteiras, construído como uma prisão, de modo que as mais audazes não saíssem para passear ao luar com os respectivos apaixonados. Era um edifício rotundo, de grosso adobe, sem janelas e com a vantagem adicional de se poder trancar por fora com uma barra de ferro e cadeados. Ali encerraram a maior parte dos neófitos do sexo masculino, agrilhoados pelos tornozelos, a fim de evitar que na hora da batalha colaborassem com o inimigo.

— Os índios têm medo de nós, padre Mendoza. Julgam que possuímos uma magia muito poderosa afirmou o capitão De la Vega, dando uma palmada na coronha da sua carabina.

— Esta gente conhece de sobra as armas de fogo, embora ainda não tenha descoberto o seu funcionamento. O que na verdade os índios temem é a cruz de Cristo — retorquiu o missionário, apontando para o altar.

— Então vamos fazer-lhes uma demonstração do poder da cruz e do da pólvora — riu-se o capitão, passando a explicar o seu plano.

Encontravam-se na igreja, onde tinham colocado barricadas de sacos de areia por dentro, diante da porta, e haviam disposto ninhos com as armas de fogo em locais estratégicos. Na opinião do capitão De la Vega, enquanto mantivessem os atacantes a uma certa distância, para que pudessem carregar as carabinas e os mosquetes, a balança penderia a seu favor, mas em combate corpo a corpo a sua desvantagem seria tremenda, visto que os índios os superavam em número e ferocidade.

O padre Mendoza admirou a audácia do homem. De la Vega tinha à volta de trinta anos e era já um soldado veterano, curtido nas guerras de Itália, donde regressara marcado com orgulhosas cicatrizes. Era o terceiro filho de uma família de fidalgos, cuja linhagem remontava a Cid, o Campeador. Os seus antepassados haviam lutado contra os Mouros sob os estandartes católicos de Isabel e Fernando, mas de tanta coragem exaltada e de tanto sangue derramado por Espanha não lhes ficara fortuna, apenas honra. Por morte do pai, o filho mais velho herdara a casa da família, um centenário edifício de pedra incrustado num pedaço de terra seca em Castela. O segundo irmão fora reclamado pela Igreja, e a ele tocara-lhe ser soldado: não havia outro destino para um jovem do seu sangue. Em paga da coragem demonstrada em Itália, recebera uma pequena bolsa de dobrões de ouro e autorização para ir até ao Novo Mundo, a fim de melhorar o seu destino. Assim, fora parar à Alta Califórnia, onde chegara acompanhando Dona Eulália de Callís, a esposa do governador Pedro Fages, apodado o Urso devido ao seu mau génio e ao número desses animais caçados por sua própria mão.

O padre Mendoza tinha ouvido os boatos sobre a épica viagem de Dona Eulália, uma dama de temperamento tão feroso como o do marido. A sua caravana demorara seis meses a percorrer a distância entre a Cidade do México, onde vivia como uma princesa, e Monterrey, a inóspita fortaleza militar onde o marido a aguardava. Avançava a passo de tartaruga, arrastando um comboio de carroças de bois e uma fila interminável de mulas com a bagagem; além disso, em cada lugar onde acampavam, organizava

ZORRO – O COMEÇO DA LENDA
Isabel Allende

uma festa cortesã que costumava durar vários dias. Diziam que era excêntrica, que lavava o corpo com leite de burra e pintava o cabelo, que lhe chegava aos calcanhares, com os unguentos avermelhados das cortesãs de Veneza; que, por simples esbanjamento, e não por virtude cristã, se desfazia dos seus vestidos de seda e brocado para cobrir os índios nus que lhe saíam ao caminho; e acrescentavam que, para cúmulo do escândalo, se enamorara do bem-parecido capitão Alejandro de la Vega.

— Enfim, quem sou eu, um pobre franciscano, para julgar essa senhora — concluiu o padre Mendoza, observando De la Vega de soslaio e perguntando a si mesmo com curiosidade, muito a contragosto, quanto haveria de verdadeiro nos rumores.